

Impactos socioeconômicos na implantação dos meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde/Beberibe (CE)

Socio-economic impacts in the implementation of lodging facilities in Prainha do Canto Verde / Beberibe (CE)

Ananiely da Silva Barros¹

Enos Feitosa de Araújo²

Este artigo foi recebido em 05 de julho de 2015 e aprovado em 01 de novembro de 2016

Resumo:No presente artigo, objetiva-se identificar os impactos socioeconômicos causados pela implantação dos meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde no município de Beberibe/Ceará. A questão que motivou a elaboração da pesquisa foi a construção de meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde e os impactos socioeconômicos. Com os meios de hospedagem, implantados mais recentemente, nesse local, busca-se suprir a crescente demanda de turistas que passaram a visitá-lo, atraídos pelo turismo comunitário nele desenvolvido. Inicia-se o artigo contextualizando a comunidade e destacando o cenário local e a luta da comunidade pela conquista das terras. Essa ação resulta na implantação de uma reserva extrativista; então se analisa a opinião dos moradores em relação à reserva e ao desenvolvimento do turismo de base comunitária. Em seguida, examina-se a caracterização dos meios de hospedagem e, por fim, a pesquisa de campo. Quanto à forma de abordagem, a pesquisa classifica-se como qualitativa; quanto aos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa de campo, empregam-se questionários que refletem o impacto do turismo na comunidade e entre gestores dos meios de hospedagem.

1 Graduação em Hotelaria - Instituto Federal do Ceará. E-Mail: ananiely.sb@hotmail.com

2 Doutor em Geografia - Instituto Federal do Ceará. E-Mail: enosfeitosa@gmail.com

Palavras-chave: meios de hospedagem, turismo comunitário, RESEX, impactos socioeconômicos, comunidade

Abstract: This article has as main objective to identify the socio-economic impact caused by the deployment of lodging in Prainha do Canto Verde in the municipality of Beberibe, state of Ceará. The problem that led to the establishment of the research was: The means of lodging in Prainha do Canto Verde has to socioeconomic impacts? It is believed that the construction of a project whether it is a small, medium or large cause impacts on site and with a means of accommodation is no different, as it affects the environment and the way of life and social economic, and therefore the hypothesis of the study. The means of accommodation were deployed in the community to meet the growing demand of tourists, who have come to visit the town attracted by tourism community that began to be developed in Prainha do Canto Verde. Initially it will address the community as a whole, says the local scenery and the fight of the same in the conquest of their land that resulted in the deployment of an extractives reserve and the view of the community in relation to the same, then the tourism community-based as well the way in which this activity was deployed in Prainha do Canto Verde; characterization of lodging in Prainha do Canto Verde, and field research. As to how to approach the research classified as qualitative; regarding the goals, fits as descriptive; and as to the technical procedures as a bibliographic search. The methodology used is that of field visits, involving semi-structured questionnaires that were applied with the community and managers of lodging,

Key words: means of accommodation, tourism community, RESEX, socio-economic impact. Community

1. Introdução

A hotelaria é um ramo que se destaca significativamente no Brasil e no mundo, impulsionado pela facilidade de deslocamentos, criação de novos destinos e demandas de visitação e hospedagem. Se por um lado esse fator é positivo, por outro, tal atividade traz modificações — por vezes profundas — no local onde se instala. Diante dessa expressividade e do crescimento do ramo hoteleiro, objetiva-se com esse

artigo verificar e analisar os impactos socioeconômicos provenientes da implantação de meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde/Beberibe, uma comunidade localizada na zona costeira do Ceará, onde é desenvolvido o turismo comunitário.

A hotelaria é um dos elos da cadeia produtiva do turismo. São atividades inteiramente complementares, pois o turista é aquele que pernoita no local de destino e, para isso, necessita de alojamento e outros serviços relacionados com hospedagem. Dessa premissa, surge a atividade hoteleira com o intuito de atender a essa demanda. O turismo é considerado um grande fator de desenvolvimento econômico-social, e, por isso, muitas comunidades veem na atividade uma forma de crescimento. Entretanto a comunidade deve estar ciente dos limites para a expansão da atividade de modo a não ferir a identidade original.

A participação ativa da comunidade nas decisões que modificam a localidade em que vivem é fundamental. Por essa razão, no foco deste trabalho, não se perde de vista a proximidade com a comunidade. Para sistematizar essa preocupação com os moradores locais e suas percepções sobre os impactos socioeconômicos da atividade hoteleira, opta-se por elaborar o estudo da seguinte maneira: analisa-se a constituição da área como território de RESEX; posteriormente, entende-se como o turismo comunitário envolve a comunidade nas atividades econômicas, e, assim, torna-se possível entender os impactos socioeconômicos com base nos novos meios de hospedagens.

2. Prainha do Canto Verde: a constituição do território

A Prainha do Canto Verde é uma pequena comunidade do município de Beberibe, que faz parte do litoral leste cearense, distante 126km da capital Fortaleza; considerada o portão de entrada do turismo no Ceará (CORIOLANO, 1998). A comunidade está localizada no distrito de Paripueira que fica entre os distritos de Sucatinga e Parajuru (Figura 1).



Fonte: CARVALHO, BEZERRA E PINHEIRO (2010).

Figura 1. Localização de Prainha do Canto Verde

A localidade, segundo Coriolano *et al.* (2009, p. 182) “ficou conhecida não apenas pela beleza de suas praias e expressividade de suas festas, mas especialmente pelo turismo que promove”; e está há trinta quilômetros da sede municipal de Beberibe, um município com grande potencial turístico. Destaca Colaço (2013, p.195):

O potencial turístico de Beberibe se destaca pela beleza natural de suas praias, pela hospitalidade de um povo guerreiro, pela pele queimada de sol, pelas mãos marcadas pelo trabalho de pôr às jangadas no mar, pela espiritualidade vinculada à natureza, pela cachaça, pelo peixe, pelas dunas, pelas falésias e águas cristalinas, pelas tradições religiosas, pela cultura.

As primeiras pessoas a habitar a comunidade — um casal à procura de terra para morar que gerou 12 filhos — chegaram por volta de 1860 e começaram a desenvolver a pesca para a sobrevivência da família. Aos poucos, a comunidade foi aumentando e deu origem a uma aldeia de pescadores (SCHÄRER, 2003).

A principal via de acesso à comunidade, tendo como referência a cidade de Fortaleza, é a CE-040, em ônibus que partem do Terminal Rodoviário Engenheiro São Tomé com destino ao município de Aracati. Porém esses ônibus não têm acesso direto à comunidade. Para isso, o visitante tem de utilizar transportes alternativos, como mototáxis, táxis, carros particulares, que surgiram justamente para atender a

essa demanda. A distância da CE-040 para a comunidade é de seis quilômetros e todo o percurso é feito por estrada asfaltada, popularmente conhecida como estrada da Prainha.

As principais atividades econômicas desenvolvidas no local são pesca, artesanato, turismo comunitário, passeios de *buggy* de jangadas. Restaurantes, meios de hospedagem domiciliares e pequenos comércios foram instalados para atender à demanda de visitação. No entanto a pesca é a principal atividade econômica desenvolvida na comunidade e é a que acarreta a maior fonte de renda (CARVALHO, BEZERRA e PINHEIRO, 2010).

Por muitos anos, os moradores do Canto Verde lutaram contra a especulação imobiliária, pela conquista de seus direitos sobre as terras que estavam sendo griladas, no combate à pesca predatória e pela implantação do turismo comunitário planejado e consciente. Esses fatos visibilizaram a Prainha no Brasil e no mundo. Na época, o governador do estado do Ceará era Cid Gomes, que deu parecer favorável à criação de uma Reserva. Em 5 de junho de 2009, Luís Inácio Lula da Silva, então presidente da república, decretou a criação da Reserva Extrativista da Prainha do Canto Verde (RESEX). Explica Mendonça, Moraes e Costa (2013, p.385):

A reserva extrativista da Prainha do Canto Verde foi oficializada pelo Decreto s/n de 05/06/2009, proporcionando à população pesqueira o direito garantido de posse à terra firme e à parte de mar necessária para a prática da pesca artesanal. Caracterizada pelo bioma marinho-costeiro, a área decretada foi de aproximadamente 29.794ha, dentre esses, 577,55 compõem a parte terrestre



Fonte: GT do ICMBio (2011). Créditos: PRAINHA DO CANTO VERDE (2012).

Figura 2. Proposta de ampliação da RESEX da Prainha do Canto Verde

3. Turismo comunitário na Prainha do Canto Verde

A criação da reserva foi uma forma de proteger a comunidade ante a pressão imobiliária e com ela reforçou-se a ideia de implantar o turismo comunitário como maneira de evitar que o turismo massivo fosse introduzido na Prainha do Canto Verde, como aconteceu com algumas comunidades vizinhas. Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009, p. 86) afirmam que “o turismo alternativo de base comunitária busca-se contrapor ao turismo massificado”. Antes de abordar como se deu o surgimento do turismo de base comunitária na Prainha do Canto Verde, apresenta-se a definição desse segmento na concepção de alguns autores. Afirmo Maldonado (2009, p.31):

Por turismo comunitário entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com o objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com os visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Analisa Irving (2009, p.111):

O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que, por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento.

Explica Coriolano *et al.* (2009, p. 66):

[...] turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo.

Na concepção dos autores, o turismo comunitário é aquele em que a comunidade participa de todo planejamento e desenvolvimento, de forma sustentável, preservando os patrimônios natural, cultural, físico, social; enfim, um turismo que não descaracterize o local em que é desenvolvido. Muitas comunidades brasileiras já fazem parte dessa rede de turismo comunitário.

Uma dessas comunidades é a do Canto Verde que já vinha lutando pela posse de suas terras e não queria que o turismo de massa ali chegasse e se apropriasse do patrimônio. Constatando os impactos nas comunidades vizinhas, os nativos do Canto Verde perceberam que aquele não era o turismo que queriam; então, iniciaram um processo de fomento ao turismo de base comunitária em que a comunidade fosse a principal gestora, e essa ideia foi impulsionada por um executivo que ali chegou e começou a dedicar-se a esse processo, como afirma Cruz (2009, p.105):

Um executivo da Swissair (até 1992), de nome René Schärer, decide dedicar-se ao empreendedorismo social e, por ter conhecido a Prainha do Canto Verde e as dificuldades dessa comunidade de pescadores, envolve-se com a comunidade e decide instrumentalizá-la para o desenvolvimento de um turismo com base comunitária.

Por volta de 1993 e 1994, iniciaram-se as primeiras discussões sobre turismo na Prainha, como destacado por Mendonça (2009, p.293):

Apesar de algumas resistências, a comunidade percebeu que a chegada do turismo na localidade era inevitável, levando às primeiras discussões na comunidade sobre o tema em 1993 e 1994. A partir desse momento, o turismo entrou em pauta de discussão das reuniões da Associação de

Moradores da Prainha do Canto Verde. A construção do “Projeto Turístico Socialmente Responsável” da Prainha do Canto Verde teve como ponto de partida a preocupação de “ouvir a voz” dos moradores. A pesquisa, realizada em julho de 1994, objetivou saber dos moradores sua opinião sobre o turismo e sua chegada à Prainha. [...] A pesquisa revela que os moradores desejavam que essa atividade fosse desenvolvida e explorada pelos próprios moradores.

Após ouvir a opinião dos moradores, construiu-se o projeto com o intuito de desenvolver esse turismo almejado pela comunidade e, para melhor aperfeiçoar a atividade, criou-se um Conselho de Turismo que, em 2001, se transformou em Cooperativa de Turismo e Artesanato da Prainha (COOPECANTUR). Nessa associação, buscava-se uma forma de melhor envolver a comunidade no processo da atividade turística, fazendo com que nela se pudesse ter acesso às decisões e seus anseios fossem levados em conta no ato de planejar e desenvolver uma estratégia (FIGUEIREDO, 1998).

Como já citado, a pesca é a principal fonte de renda da comunidade, mas, conforme Cruz (2009, p.105), “a comunidade enfrentava dificuldades de sobrevivência somente a partir da pesca artesanal”. No projeto de fomento ao turismo, apresentado pelos autores, ele viria como uma atividade complementar à pesca — e não só à pesca, mas às demais atividades locais, tendo-as como suporte ao turismo. Assim, afirma Coriolano (1998, p.146):

O turismo não deve ser a única opção econômica do lugar, mas apenas uma delas. Ele só conseguirá se desenvolver bem onde as demais atividades econômicas lhe servirem de suporte.

Além de ser mais uma opção econômica, a atividade turística representa mais uma conquista para a comunidade, demonstrando cada vez mais a persistência, por parte dos moradores, na luta por seus ideais, além de ampliar a divulgação do local como praticante dessa modalidade de turismo. Isso influenciou outras comunidades a desenvolver a mesma atividade; o que deu origem à criação da Rede Cearense de Turismo Comunitário ou REDE TUCUM. O projeto foi um dos aprovados entre os demais apresentados, e o turismo vem sendo desenvolvido na Prainha do Canto Verde como mais uma atividade econômica local, tendo como gestores os moradores que contam com o apoio da Associação, Cooperativa, Instituto Terramar, Rede TUCUM, Ministério do Turismo, entre outros.

Essas entidades apoiaram e ainda incentivam a comunidade, não só no incremento do turismo, mas também em vários outros aspectos, como luta em defesa das terras, divulgação do artesanato local edos

atrativos turísticos e em projetos de educação da comunidade, para um melhor aproveitamento das atividades referentes ao turismo.

Trabalha-se, também, na coletividade, o artesanato que é constituído por objetos a base de quenga de coco, madeira, sementes, palhas de coqueiro, labirinto, renda, entre outros materiais. Para a comercialização de produtos há, na Prainha, a *Rede Bodega* que é um local para a venda de artesanatos e outros produtos que são procurados pelos turistas, com frequência, como publicado no *site* da comunidade.

A *Rede Bodega* da Prainha do Canto Verde é um espaço de comercialização de produtos artesanais, higiene pessoal, confecções, alimentícios e agroecológicos. Os produtos são produzidos na comunidade e também em outras comunidades que fazem parte da *Bodega*. A comercialização participativa é feita diretamente ao consumidor com preço “justo”, já acrescida de uma taxa de 12%, a fim de garantir um fundo para a sustentabilidade do espaço (PRAINHA DO CANTO VERDE, 2011).

Para a educação da população nativa em relação ao turismo, ministram-se cursos, oficinas e palestras com o intuito de melhor preparar a comunidade para receber os turistas e desenvolver as atividades a eles ofertadas. Para promover esses cursos, a comunidade conta com o apoio do SEBRAE, do SENAC, do Instituto Terramar e da Associação.

Além da hospitalidade do anfitrião para com clientes e demais visitantes, é importante também a qualidade dos alimentos oferecidos, pois, como afirmam Dias e Pimenta (2005, p.15),

os produtos são consumidos nas localidades onde são gerados; o consumidor não leva o produto para seu lugar de origem, mas o consome no próprio local. Se desejar consumi-lo outra vez, deverá deslocar-se até a localidade novamente.

Para isso, é de fundamental importância que os donos dos empreendimentos tenham a responsabilidade de manter a qualidade das refeições e de seus serviços.

Para atender a demandas de lazer, são oferecidos passeios, trilhas, excursões, entre outras atividades; e, para atender às necessidades de alojamento, foram surgindo os meios de hospedagem, à medida que o número de turistas aumentava.

4. Os meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde

Com a inserção da atividade turística na Prainha do Canto Verde, a demanda de turistas começou a ser perceptível, e daí surgiu a necessidade de lugares para hospedagem, pois como o turista permaneceria na comunidade se não tivesse onde se hospedar? Essa necessidade tem antecedentes que nos remetem à Antiguidade, quando aconteciam os jogos olímpicos na Grécia. Para assistir às atividades e delas participar, os apreciadores precisavam de lugares para pernoitar. Despontaram, então, as primeiras *hospedarias* na Grécia. Isso reforça o quanto os meios de hospedagens constituem um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento da atividade turística e vice-versa (REJOWSKI, 2002).

Tendo como premissa essa reflexão, os meios de hospedagem surgiram para suprir essa necessidade. Afirmam Coriolano *et al.* (2009, p. 121):

Os meios de hospedagem têm importância relevante na oferta de um lugar como produto turístico. [...] A hotelaria atende a uma das necessidades básicas do turista, o que viabiliza a sua permanência no local visitado, constituindo-se, portanto, numa das principais atividades do turismo.

Dessa forma, os meios de hospedagem, além de acolher os turistas, promovem também a divulgação da comunidade e da atividade turística ali desenvolvida. Como a proposta concebida para a Prainha do Canto Verde era o turismo comunitário, pelo fato de os moradores não quererem um turismo massivo e a gestão por agentes externos, então, inicialmente, os turistas eram hospedados na casa dos próprios residentes, mesmo sem a infraestrutura adequada. Porém, com o tempo, percebeu-se que essa forma de hospedagem poderia ser interessante e de acordo com as expectativas geradas no modelo de turismo almejado pela comunidade.

À medida que a atividade se expandia, a demanda de visitantes que buscavam um local tranquilo, onde pudessem conviver com a realidade local da comunidade e dos anfitriões que os recebiam, aumentava gradativamente, e, conseqüentemente, criou-se a necessidade de mais lugares para alojá-los. Os demais moradores, vendo que a experiência vivenciada pelos nativos estava dando certo, desde que fosse bem planejada, começaram a desenvolver a mesma atividade. Esse processo deu origem, na Prainha do Canto Verde, à hospedagem domiciliar. Implantou-se esse tipo de meio de hospedagem no Ceará com o apoio do SEBRAE-CE. Entre os meios de hospedagem domiciliares identificados por meio de pesquisas no estado, destacam-se os projetos nos municípios de Viçosa, Guaramiranga, Taíba, Tejuçuoca e Prainha do Canto

Verde (PIMENTEL, 2009). A hospedagem domiciliar não é uma ideia nacional e nem tão recente. Sua origem é irlandesa, como destaca Cardoso e Alves (2010):

A hospedagem domiciliar é uma adaptação brasileira do sistema *bedandBreakfast*, de origem Irlandesa, em que o visitante se hospeda na casa de um habitante da localidade, que pode lhe oferecer ou não café da manhã, mas, se for oferecido, será incluído na diária. Esse novo sistema de hospedagem se encaixa perfeitamente na personalidade do brasileiro, naturalmente cativante e hospitaleiro.

Na mesma linha de raciocínio, essa forma de hospedar é definida por Silva *et al.* (2012): “Considera-se hospedagem domiciliar aquela estrutura residencial na qual moradores recebem turistas e estes pagam pelo pernoite e por demais serviços prestados”. Segundo Leite, Kosaka e Faria (2006, p.23), hospedagem domiciliar é:

Meio de hospedagem que tenha, como finalidade primeira, a própria moradia de seus respectivos donos e que se pode aproveitar de espaço disponível para hospedar turistas, visando a uma fonte de renda alternativa. O atendimento familiar e personalizado, além da manutenção da maioria das características originais do equipamento e do convívio entre os moradores, constitui o maior diferencial dos demais meios de hospedagem.

Asseveram Cardoso e Alves (2010) que “o que diferencia a hospedagem domiciliar de outros meios de hospedagem é a forma atenciosa e prestativa com que os anfitriões tratam seus hóspedes”; e essa hospitalidade, sentida pelo hóspede, torna-se um diferencial, fazendo com que ele volte à pousada, pois “comumente, esse tipo de turista não gosta de frequentar locais onde há grande incidência de turistas, preferindo locais onde possa estar em contato com a população local onde ela está habituada a conviver” (SILVA *et al.*, 2012).

De acordo com as definições, pode-se afirmar que os meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde são hospedagens domiciliares, pois os moradores usam suas casas para receber os visitantes e, aos poucos, foram adaptando-as para dar melhor comodidade e conforto; por meio “do reinvestimento em melhorias estruturais nas casas, gera-se um maior conforto, além de melhoria da alimentação e higiene, incorporando as necessidades mais básicas do turista” (LEITE, KOSAKA e FARIA, 2006, p. 25-26).

Atualmente, a comunidade conta com seis meios de hospedagens domiciliares: Refúgio da Paz, Recanto Verde, Chalé Maresia, Pousada da Lu, Recanto da Mãezinha e Pousada Sol e Mar.

O Chalé Maresia, com as demais pousadas, totalizam 31 unidades habitacionais, hospedando no máximo 109 pessoas; isso inclui hóspedes dormindo em redes, que são leitos de tecido ou malha, em forma de retângulo, suspensos pelas extremidades, finalizadas com argolas ou punhos, presos a armadores ou ganchos, que são geralmente pregados em portais e paredes, em que as pessoas deitam para descansar ou dormir, e são muito conhecidas e usadas no Nordeste brasileiro (ANDRADE, 2009).

Nos empreendimentos citados, entrevistaram-se todos os proprietários e constatou-se que todos são nativos do Canto Verde. Confirmou-se, também, que, inicialmente, todos os empreendimentos eram as próprias casas dos moradores e, tendo em vista a demanda de visitantes para o local, as residências foram adaptadas e transformadas em *pousadas*, pois, se a comunidade almeja desenvolver um turismo cujos principais atores envolvidos são os habitantes, é importante que seja em todo o processo. Sem essa iniciativa dos moradores, outros poderiam apropriar-se dessa vantagem, como afirma Coriolano (1998, p.42) quando observa que, “se o local não aproveitar a oportunidade para investir no turismo, outros virão e ganharão as vantagens, ficando a comunidade apenas com as desvantagens”.

A estrutura das pousadas é pequena e, segundo afirmam os proprietários, o fluxo de turistas é mais frequente na alta estação. O quadro de funcionários é restrito, mas as poucas pessoas que trabalham nesses empreendimentos são da comunidade; alguns proprietários demonstram querer dar oportunidades para mais pessoas, mas não há condições; afirmam que seus empreendimentos são pequenos e não têm condições de atender com mais funcionários.

O planejamento e a implementação de projetos para melhoria da comunidade é importante. Assim, questionou-se aos empreendedores locais quais fatores ou ações poderiam melhorar seus estabelecimentos; obteve-se como respostas: melhorar a infraestrutura, realizar mais cursos para capacitação da mão de obra e uma maior e melhor divulgação da Prainha e dos meios de hospedagem no *site* da comunidade.

O fluxo de turistas para o local obedece à sazonalidade do ano: nas altas temporadas, as reservas precisam ser feitas com bastante antecedência. A ocupação é de cem por cento, e alguns visitantes não conseguem acomodações de última hora. Diante desse panorama, duas pousadas estão em ampliação, duas pretendem ampliar, e uma planeja melhorar a infraestrutura. Apenas o estabelecimento Chalé Maresia não pretende ampliar suas dependências por uma questão espacial: foi construído muito perto do mar e, com o avanço das águas, o estabelecimento corre o risco de ser engolido pela alta das marés.

4.1 Pesquisa de campo — dados e informações

Realizou-se a pesquisa de campo de 22 de maio a 3 de julho de 2014, a fim de analisar se a adequação e a inserção desses empreendimentos causaram ou vêm causando impactos socioeconômicos na Prainha do Canto Verde. Para tanto, foram desenvolvidos questionários para os gestores das pousadas e para a comunidade, no intuito de obter a opinião dos mais variados atores envolvidos, direta ou indiretamente, nas atividades relativas ao turismo.

Para realizar atividades com finalidade científica na comunidade, é necessário ter uma autorização do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão regulador da reserva extrativista local. Efetuada a solicitação ao Instituto, concedeu-se a realização da pesquisa. Essa exigência é uma forma de controlar os trabalhos científicos realizados na Prainha.

Consideram-se “atores envolvidos” diretamente com os meios de hospedagem os proprietários. A comunidade tem papel indireto, uma vez que pode até não participar do funcionamento cotidiano das pousadas, mas é afetada e/ou influenciada por elas. Então, pretendendo-se obter a opinião de ambos os grupos (proprietários e comunidade), foi elaborado um questionário com perguntas iguais, no que se refere aos impactos socioeconômicos. Dentre os seis proprietários de pousadas, apenas um é do sexo masculino, um tem ensino superior, enquanto os demais cursaram até o ensino médio. A faixa etária está entre 34 e 65 anos.

Dos cem questionários aplicados na comunidade, obtiveram-se as seguintes informações: 48% dos entrevistados são do sexo masculino e 52%, do sexo feminino, com idades diferenciadas. Com o intuito de alcançar as respostas de um público mais amplo em termos de faixas etárias, entrevistam-se pessoas com idades entre 18 e 77 anos.

Dos entrevistados, 6% são analfabetos, 36% têm ensino fundamental incompleto, 11%, ensino fundamental completo, 19%, nível médio incompleto, 26%, nível médio completo e 2%, nível superior.

Com o propósito de identificar se os participantes são nativos da comunidade, perguntou-se: Há quanto tempo o sr./a sr.^a mora na Prainha do Canto Verde? Os dados apresentam que 1% até dois anos, 2% de três a cinco anos, 3% de seis a dez anos, 2% de 11 a 15 anos, 14% de 16 a vinte anos e 78% de 21 anos ou mais. Por ser uma reserva extrativista, a lei não permite que pessoas que não são nativas comprem terrenos e construam casas. Questionados como foi o processo de aquisição de casas das pessoas que declararam morar a pouco tempo no Canto Verde, a resposta foi que o fizeram por relações de casamento com nativos.

4.2 Impactos socioeconômicos dos meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde

Os meios de hospedagem são estruturas necessárias para o fortalecimento da atividade turística, e “o turismo inegavelmente está ligado a um crescimento econômico e a uma mudança social” (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Essa mudança socioeconômica é destacada por Mota *et al.* (2002, p. 10):

O fluxo turístico, caracterizado pelo movimento de entrada e saída de pessoas em uma determinada região, pode significar riqueza ou pobreza, oportunidade e equidade social para a população autóctone ou o inverso. Os efeitos produzidos pelo turismo numa comunidade, no âmbito socioeconômico, começaram a ser percebidos e mensurados inicialmente pela economia, na década de 1970, por seus impactos positivos devido à geração de dívidas, investimentos e empregos diretos decorrentes da atividade. Nas décadas seguintes, impulsionado pelos meios de transporte e de comunicação, o turismo ganhou a dimensão de fenômeno de massa, mundialmente estudado e desejado. Muito embora se percebesse que os efeitos negativos também proliferaram, o benefício econômico prevaleceu contribuindo para que o turismo atingisse o patamar que hoje se conhece.

O fato de surgirem novos negócios, na Prainha do Canto Verde, até mesmo para atender às necessidades dos residentes, foi influenciado pela implantação das pousadas. Um dos exemplos é a demanda gerada por alimentação. O Chalé Maresia, por exemplo, não dispõe desse serviço para os hóspedes. Oferece, apenas, as dependências para que alise preparemas refeições. Isso abre uma oportunidade de negócios, pois o proprietário precisa de um local onde possa adquirir os alimentos de acordo com as expectativas dos clientes. “É certo que o aumento dos gastos ocasionados pelos visitantes gera um grande aumento de demanda por bens e serviços” (LAGE e MILONE, 2000, p.120), e “o meio de hospedagem possibilita a geração de outras oportunidades de negócio” (CORIOLANO *et al.*, 2009, p.131).

Apenas um dos proprietários de pousada afirmou que não houve o surgimento de novos negócios, alegando que os estabelecimentos que existem na comunidade já estavam lá antes mesmo do surgimento das pousadas. Mas ele não acompanha, de perto, o crescimento e/ou desenvolvimento do Canto Verde diariamente, pois fica na comunidade apenas nos finais de semana ou quando tem hóspedes na pousada. Os demais afirmam que as pousadas influenciaram, sim, novos negócios. Em termos gerais, 62% da população

confirma que, apesar de ter sido em pequena quantidade, abriram-se pequenos comércios, lanchonetes, barracas de praia, locais para venda de peixes, etc. É importante frisar ainda que a maioria dos negócios são dos mesmos proprietários de pousadas ou de suas famílias segundo relato de alguns dos entrevistados. Trinta e oito por cento da comunidade admitem que não surgiram novos negócios.

O desenvolvimento da infraestrutura é outro fator socioeconômico que pode ser motivador da construção de pousadas, até mesmo para melhor acesso de turistas, pois “para recebê-los o local necessita obrigatoriamente de infraestrutura turística, [...] Essa infraestrutura é composta por um conjunto de edificações, instalações e serviços”, e essa expansão é muito perceptível, principalmente em pequenas comunidades que, “como consumidoras, podem ganhar acesso a uma multiplicidade de serviços, como melhores estradas” (LAGE e MILONE, 2000, p. 118).

Para identificar se houve melhoria, perguntou-se se, com as pousadas, houve uma expansão da infraestrutura local. Uma empreendedora afirma não ter tido, enquanto os demais atestam que sim. Na visão da comunidade, 65% confirmam que sim, citando a melhoria na via de acesso à comunidade que antes não era asfaltada, enquanto 33% dizem que não houve transformações na infraestrutura em decorrência da inserção dos meios de hospedagem e 2% não responderam.

Outra mudança que é perceptível na comunidade é o modo de vida que pode sofrer alterações pelo maior contato com o visitante. Afirma Oliveira (2008, p.44):

Os impactos no chamado “tecido social” são os principais componentes das questões sociais da comunidade. Tais impactos se referem às mudanças de comportamento e de relacionamento que ocorrem na comunidade em decorrência do contato do habitante local com pessoas de fora, de outro país ou de outras regiões.

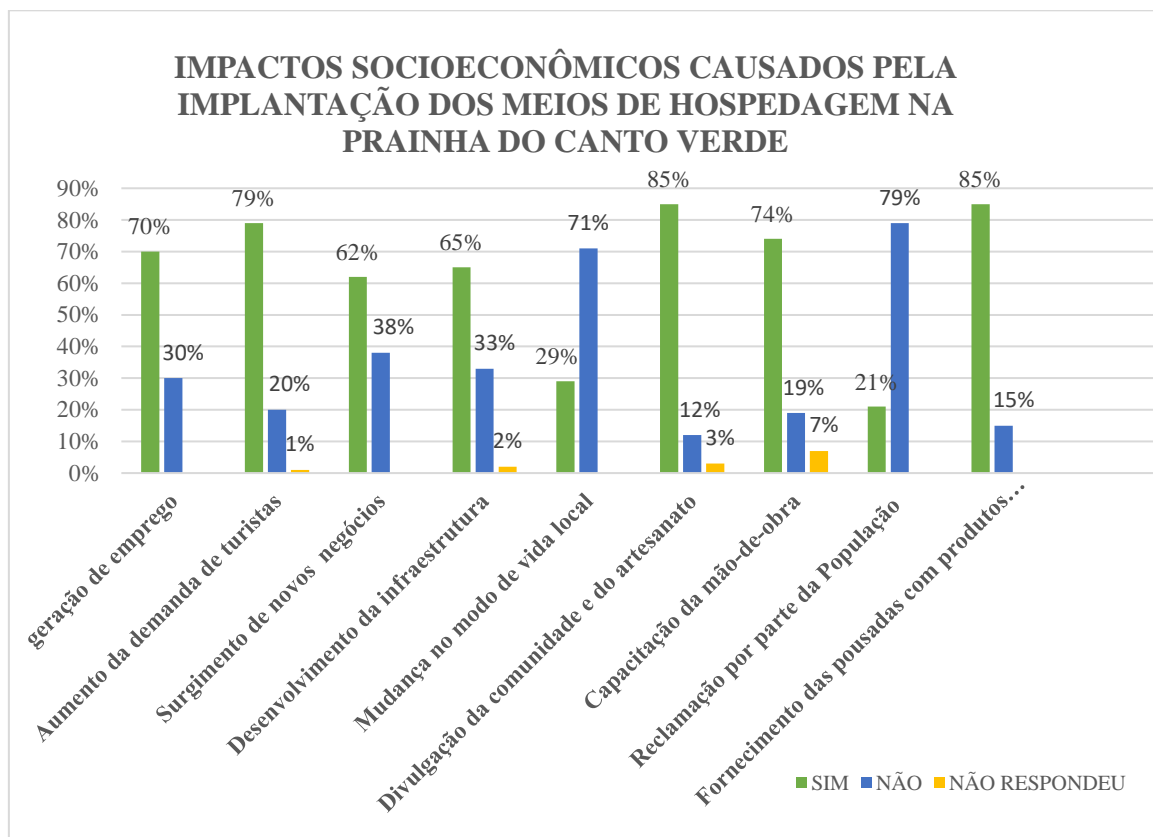
Quando questionados se houve essa mudança no modo de vida local em decorrência do maior contato com turistas que passaram a ficar mais tempo na comunidade, 50% dos proprietários perceberam mudança, outros 50%, não. Quando a pergunta foi feita à comunidade, 29% afirmaram que houve mudança, citando modos de agir, principalmente por parte de alguns jovens, enquanto 71% asseguraram que a comunidade continua agindo da mesma forma, sem influência dos turistas.

A capacitação é um fator importante para qualquer atividade a ser desenvolvida, e para um empreendimento turístico é imprescindível que os funcionários estejam e sejam preparados, pois “a experiência tem demonstrado que o local que investe na implantação e na melhoria das pousadas e prepara sua mão de obra consegue tirar melhor proveito da globalização e beneficiar-se com a atividade turística”

(CORIOLANO, 1998, p.42). A iniciativa de preparar os profissionais também deve partir dos próprios empreendedores que, em muitos casos, “tem tomado medidas para preparar seus profissionais na realização das funções complexas inerentes à operação turística e à gestão do negócio” (MALDONADO,2009, p. 33).

Por isso, perguntou-se aos gestores se houve cursos para capacitação da mão de obra a fim de desenvolver atividades referentes aos meios de hospedagem; apenas um afirmou que não houve cursos de capacitação, enquanto os demais confirmaram que foram desenvolvidos cursos na comunidade com o SEBRAE, SENAC e outros órgãos. Quanto à comunidade, 74% dos entrevistados afirmaram ter tido cursos de capacitação para atividades referentes ao turismo e aos meios de hospedagem, sendo cursos de camareira e garçons os citados por alguns dos participantes da pesquisa; mas 19% alegaram que não houve cursos de capacitação, enquanto 7% não souberam responder.

Em atividades desenvolvidas em comunidades pequenas onde não se beneficiam todos, é frequente que a parte não beneficiada reclame, pois o turismo e as atividades ligadas a ele apresentam muitos efeitos, porém os resultados não afetam equivalentemente a todos (LAGE e MILONE, 2000). Indagando esse fato aos proprietários das pousadas, eles afirmaram que não houve reclamação por parte da comunidade em relação a seus empreendimentos; quanto aos entrevistados da comunidade, 21% responderam ter reclamação, principalmente pelo fato de, nas pousadas, não se oferecerem mais empregos para os residentes locais, enquanto 79% afirmaram não ter reclamações. Com todas as informações coletadas na comunidade, conclui-se que os impactos socioeconômicos são benéficos, como mostra o gráfico abaixo:



Fonte: Dados adaptados pelo autor (2014).

Gráfico 1. Impactos socioeconômicos causados pela implantação dos meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde

Mediante os resultados dos questionários, o que se pode observar é que as pousadas trouxeram benefícios socioeconômicos para a localidade pesquisada, como o aumento no número de turistas, o que, conseqüentemente, incentivou o surgimento de novos negócios e melhoria da infraestrutura para atender às necessidades dos visitantes. Com o crescimento dessa demanda, houve maior divulgação da comunidade e de seu artesanato. É importante destacar que esse acréscimo da demanda não acarretou uma mudança no modo de vida local, como destacado pela maioria, enfatizando-se, assim, que a comunidade não foi influenciada pelo modo de vida dos turistas, mas que conservou sua identidade.

Os grandes empreendimentos hoteleiros, implantados em comunidades litorâneas, trazem consigo, principalmente, mão de obra especializada, não dando oportunidade para a própria comunidade. Felizmente, na Prainha do Canto Verde, não se vive essa realidade, pois os empreendimentos foram iniciativas locais e houve a capacitação da mão de obra da comunidade para atender a necessidade local, ocasionando, assim, a geração de emprego para a população. Além de ampliar a oferta de emprego, mesmo

que pouco, os empreendedores buscam aproveitar ao máximo os produtos da localidade para o próprio fornecimento, promovendo uma maior circulação de renda na Prainha do Canto Verde.

5. Considerações finais

No artigo apresentado, procura-se identificar impactos socioeconômicos causados pela implantação dos meios de hospedagem na Prainha do Canto Verde. Visto que a implantação de empreendimentos hoteleiros causa abalos de naturezas diversas no local receptor e na comunidade, analisam-se os socioeconômicos. Entretanto, para a realização da pesquisa, torna-se necessário obter conhecimentos de outros aspectos que constituem os objetivos específicos abordados, em que se expõem os principais resultados do estudo de cada um deles.

É fundamental conhecer a comunidade e sua história de luta pela conquista do território, disputa que motiva a formação da Reserva Extrativista Prainha do Canto Verde. Com base na interação com a comunidade da Prainha do Canto Verde, percebe-se que alise enfrentam alguns problemas de desunião entre os nativos. Isso é nítido pelo fato de haver duas associações na pequena comunidade e que os objetivos de ambas são totalmente contraditórios.

Em relação a essa atividade turística desenvolvida no Canto Verde, identifica-se que nem todos são favoráveis a seu progresso e geralmente os que não concordam com a RESEX são os mesmos que não apoiam a atividade turística.

Importante compreender os meios de hospedagem da comunidade, como surgiram, a relação com a comunidade e a promoção da atividade turística. Em relação a eles, percebe-se que alguns moradores não concordam com o turismo, e, conseqüentemente, também discordam da implantação dos meios de hospedagem, afirmando que só beneficiam os donos dos empreendimentos, pois não percebem melhoria alguma na comunidade.

Conclui-se que, ao identificar os impactos socioeconômicos causados pela implantação dos meios de hospedagem, conhece-se a comunidade e sua luta pelo território, a atividade turística local e os meios de hospedagem, implantados para atender à demanda turística; além de confirmar-se que os empreendimentos, sejam eles de pequeno, médio, ou grande porte, causam impactos no local implantado. Assim, demonstra-se que o turismo comunitário — mesmo em questões de sustentabilidade — precisa ser estudado, analisado e discutido para evitarem-se possíveis impactos ambientais mais intensos e para ser, de fato, uma alternativa coerente para a consolidação de fluxos turísticos.

6. Referências

- ANDRADE, Maria C. **Rede de dormir**. Pesquisa Escolar *on-line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br>. Acesso em: jun. 2014.
- ARAÚJO, Paulo S. O. Desenvolvimento do turismo e população local. In: CORIOLANO, Luzia N. M. T. (Org.). 2. ed. **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998, p. 362-373.
- BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BURSZTYN, Ivan; BARTHOLO, Roberto; DELAMARO, Maurício. Turismo para quem?: sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, Roberto; SANZOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p.76-91.
- CARDOSO, Raimundo S.; ALVES, Thiago J. C. **Hospedagem domiciliar: uma discussão sob a ótica de moradores e turistas na cidade de Caracaraí, Roraima**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL (SeminTUR). **Anais...: saberes e fazeres no turismo: Interfaces**, 6., 2010, Caxias do Sul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010. (Não paginado).
- CARVALHO, Rosemeiry M.; BEZERRA, Leiliana N.; PINHEIRO, José C. V. Aspectos socioeconômicos da pesca na comunidade da Prainha do Canto Verde/Beberibe-CE. **Sociedade e desenvolvimento rural**. *On-line*, vol.4, n.º3,dez. 2010. Disponível em: www.inagrodf.com.br/Revista. Acesso em: fev. 2014.
- COLAÇO, Soraia. **Beberibe, a história de um povo: diversidade e identidade cultural**. 2. ed. rev. ampl. atual. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.
- CORIOLANO, Luzia N.M.T. *et al.* **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- _____. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas, SP: Papirus, 1998. (Col. Turismo).

- CRISPIM, Lizete O. O parque temático Beto Carrero World no contexto do turismo com base local. In: CORIOLANO, Luzia N. M. T. (Org.). 2. ed. **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998, p. 390-398.
- CRUZ, Rita C. A. Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para pensar a realidade brasileira. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**, Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 92-107.
- DIAS, Reinaldo; PIMENTA, Maria A. (Orgs.). **Gestão de hotelaria e turismo**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- FIGUEIREDO, Silvio L. Mecanismos de participação em turismo: a experiência de Belém do Pará. In: CORIOLANO, Luzia N. M. T. (org.). 2. ed. **Turismo com ética**. Fortaleza: UECE, 1998. p. 374-389.
- GALDINO, José W. Reserva Extrativista Marinha (RESEX) da Prainha do Canto Verde: a Comunidade concretizando um sonho. **Raízes**, vol.32, n.º 2, jul./dez. 2012. Disponível em: www.ufcg.edu.br/Raízes. Acesso em: fev. 2014.
- GUERRA FILHO, Newton. **Ações ambientais e sociais de empresas hoteleiras classificadas como resorts vistas pelos residentes da comunidade local**. 2007. [número de f.] Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio ambiente) — Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2007.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. **Manual de elaboração do trabalho de conclusão de curso**. Fortaleza: IFCE, 2009.
- IRVING, Marta A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: Inovar é possível?. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

LAGE, Beatriz H. G. e MILONE, Paulo C. Fundamentos econômicos do turismo. *In:* _____; _____.(Orgs.) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000, p. 25-37.

_____. Impactos socioeconômicos globais do turismo. *In:* _____; _____. (Orgs.).**Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000, p.117-131.

LEI n.º 9.985 de 18 de julho de 2000. Disponível em:www.Jusbrasil.com.br. Acesso em: mar. 2014.

LEITE, Ramon V.; KOSAKA, Vitor K. L.; FARIA, Wallace F. **Hospedagem domiciliar em Jericoacoara Ceará-Brasil**, 2006. Disponível em:www.bhturismo.files.wordpress.com. Acesso em: maio 2014.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. *In:*BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 25-44.

MENDONÇA, Teresa C. M. Turismo socialmente responsável em Prainha do Canto Verde: uma solução em defesa do local herdado. *In:*BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p.289-301.

_____; MORAES, Edilaine. A.; COSTA, Maria A. M. Turismo e pesca nas reservas extrativistas marinhas de Arraial do Cabo (RJ) e da Prainha do Canto Verde: possibilidades e limites de complementaridade. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, vol.13, n.º3, p.372-390, dez. 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Disponível em: www.turismo.gov.br. Acesso em: fev. 2014.

MOTA, Keila C. N. *et al.* Impactos socioeconômicos do turismo e suas implicações na sustentabilidade turística. **Anima**, vol. 5, out./dez. 2002. Fortaleza: Faculdade Integrada do Ceará — FIC. Ano 2, vol. 1, n.º 5, il. Trimestral.

OLIVEIRA, Elton S. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e suas repercussões no desenvolvimento local: o caso de Itacaré/Bahia**. 2008. [número de f.] Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) — Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

PIMENTEL, Ana B. Dádiva e hospitalidade no sistema de hospedagem domiciliar. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 216-239.

PRAINHA DO CANTO VERDE. Disponível em; Prainhadocantoverde.org. Acesso em: jan. 2014.

REJOWSKI, Mirian. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

SCHÄRER, René. Turismo sustentável: um estudo de caso sobre a experiência da comunidade de Prainha do Canto Verde no litoral do Ceará. **Revista Raízes**, vol.1, n.º 2, p. 231-242, 2003.

SILVA, William C. D. *et al.* O sistema de hospedagem domiciliar no Rio de Janeiro: uma análise introdutória no bairro Santa Teresa. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**, [São Paulo], ano 9, n.º 17, jun. 2012 (Semestral. Não paginado).

TERRAMAR. Turismo comunitário: afirmando identidades e construindo sustentabilidade. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 415-417.